

O EXEMPLO COMO INFORMAÇÃO DISCRETA E DISCRIMINANTE EM DICIONÁRIOS SEMASIOLÓGICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Virginia Sita FARIAS¹

- RESUMO: Uma discussão atual no âmbito da metalexigrafia é a questão do exemplo como parte do programa constante de informações da microestrutura. Há uma quantidade considerável de estudos que abordam esse problema. Entretanto, a maioria dos trabalhos procura estabelecer tipologias, sem levar em conta a questão da funcionalidade e da técnica de geração do exemplo. O objetivo deste trabalho é propor critérios que possibilitem tornar o exemplo um fato discreto e discriminante na microestrutura de dicionários semasiológicos de língua portuguesa. Com esse objetivo, distinguimos, primeiramente, entre dois tipos de exemplos, conforme a função que cumprem: 1) exemplos para a compreensão, e 2) exemplos para a produção. Em seguida, apresentamos algumas propostas para a geração do exemplo em cada caso.
- PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia; dicionário semasiológico; microestrutura; exemplo.

Introdução

Existe um consenso entre os estudiosos sobre o inegável valor lexicográfico dos exemplos no cumprimento de diversas funções, tais como complementar a definição, apresentar contextos sintáticos, introduzir informações culturais, ou, simplesmente, atestar a ocorrência de uma palavra ou acepção. Há uma quantidade considerável de estudos que abordam a questão do exemplo, como Dubois e Dubois (1971, p.90-93), Merzagora (1987, p.122-124), Humblé (1996, 1998), Garriga Escribano (2001, 2003, p.119-123) e Welker (2004, p.149-162). Contudo, como pudemos constatar, em sua grande parte, esses trabalhos preocupam-se com o estabelecimento de tipologias, com base na distinção entre *exemplo* e *abonação*,² sem que os problemas da funcionalidade e da técnica de

¹ UFRGS – Instituto de Letras – 91540-000 – Porto Alegre – RS – Brasil. Endereço eletrônico: virginiafarias@terra.com.br

² Welker (2004), por exemplo, estabelece uma distinção entre exemplos construídos/inventados e exemplos autênticos/abonados. No primeiro grupo, estão incluídos os exemplos criados pelo lexicógrafo e os exemplos adaptados (baseados nos dados de um corpus, mas alterados pelo redator), e, no segundo grupo, as chamadas abonações (cf. WELKER, 2004, p.150-157). Humblé (1998), por sua vez, já distinguia entre estas três categorias de exemplos: *authentic*, *made-up* e *controlled examples*.

geração do exemplo, que consideramos nucleares, tenham sido encarados com a devida atenção.

A lexicografia, portanto, ressentir-se da falta de uma metodologia que possibilite converter o exemplo em um fato efetivamente funcional na microestrutura dos dicionários. A carência de parâmetros para a apresentação dos exemplos restringe ou, mesmo, anula o valor funcional desta informação na microestrutura do dicionário. Para ilustrar esta questão, selecionamos um verbete de Señas (2002). Embora não seja nossa intenção, neste momento, trabalhar com os dicionários para aprendizagem de língua estrangeira, acreditamos que o exemplo apresentado a seguir será bastante útil para ajudar a compreender o problema:

morder [morðér] **1 tr.-prnl.** [algo, a alguien] Sujetar y apretar clavando los dientes: *el niño muerde la manzana; un perro le mordió en la pierna.* [...] (Señas, 2002, s.v.)³

Em espanhol, o verbo *morder* exige complemento acusativo, conforme nos informa o próprio dicionário. Entretanto, o segundo exemplo apresentado mostra uma construção com o pronome *le*, forma correspondente ao complemento dativo, em lugar do pronome *lo*, forma correspondente ao complemento acusativo. É evidente que o chamado *leísmo* é um fenômeno bastante relevante em algumas comunidades de língua espanhola. Contudo, considerando as dificuldades que um falante nativo de português, público-alvo do dicionário em questão, encontra para distinguir entre o emprego do acusativo e do dativo em língua espanhola,⁴ os exemplos apresentados deveriam preocupar-se em facilitar essa distinção, fato que não ocorre neste caso.

A qualidade de uma obra lexicográfica não se verifica pelo tipo de informações apresentadas, mas pela funcionalidade destas. Assim, pois, o fato de oferecer exemplos, por si só, não torna um determinado dicionário um instrumento lexicográfico melhor. É necessário que os exemplos apresentados constituam informações discretas e discriminantes. Em Bugueño e Farias (2006), definimos informação discreta como uma informação efetivamente relevante para o consulente, e informação discriminante como uma informação que permita ao leitor tirar algum proveito com relação ao uso ou conhecimento da língua. Um exemplo de informação que não é nem discreta nem discriminante pode ser encontrada s.v. *blitz* em MiCA (2004)⁵ “[Em alemão, com inicial maiúsc.

³ Em citações de verbetes de dicionários, usamos as abreviaturas *s.v.* e *ac.* que significam, respectivamente, “*sub voce*” e “*acepção*”.

⁴ Sobre os complementos direto e indireto em língua espanhola, cf. Campos (1999).

⁵ Seguindo a tendência da metalexicografia europeia, identificaremos todos os dicionários citados neste trabalho através de abreviaturas (cf. HARTMANN, 2001, p.11). As siglas utilizadas são: AuE (FERREIRA, 1999), DUPB (BORBA, 2002), HouE (HOUAISS, 2001), MiCA (*Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete*, 2004), MiE (Michaelis, 2001).

(maiúscula)]”. Uma informação desse tipo não é relevante num dicionário monolíngüe do português destinado a estudantes desta língua como língua materna, como é o caso da obra citada, nem representa, conseqüentemente, um aporte para o uso ou conhecimento da língua portuguesa.

O presente trabalho constitui um primeiro esforço no sentido de elaborar critérios que possibilitem tornar o exemplo um fato efetivamente funcional na microestrutura de dicionários semasiológicos de língua portuguesa. Para tanto, não vamos nos deter na distinção entre *exemplo* e *abonação*. O que nos vai interessar, efetivamente, é a qualidade do exemplo apresentado e a sua utilidade para o consulente, fatos que, conjugados, tornam o exemplo uma informação discreta e discriminante dentro da microestrutura de um dicionário.

Funções do exemplo no dicionário semasiológico

A definição taxonômica do dicionário e a delimitação do perfil de usuário são fatores determinantes para o desenho de uma macroestrutura e de uma microestrutura rigorosamente funcionais. Dessa forma, o exemplo lexicográfico, como parte do programa constante de informações,⁶ somente pode cobrar seu valor discreto e discriminante dentro da microestrutura de um dicionário de língua se for pensado tendo em vista os dois fatores antes mencionados.

As propostas taxonômicas de Haensch (1982, p.126-186), Martínez de Souza (1995), Hartmann e James (2001, s.v. *typology*), Landau (2001, p.6-42), Biderman (2001), Swanepoel (2003) e Welker (2004, p.43-54) reservam um lugar específico para o chamado dicionário da língua.⁷ Bugueño (2003a), por sua vez, considerando a dificuldade de se gerar uma taxonomia exaustiva de obras lexicográficas, aponta a possibilidade de trabalhar com um sistema de traços dicotômicos. Este autor propõe parâmetros de classificação baseados em duas dicotomias fundamentais (a saber, *significante/significado* e *sincronia/diacronia*), a fim de enquadrar taxonomicamente o dicionário da língua, que, ao final, é definido como um dicionário semasiológico de orientação sincrônica (cf. BUGUEÑO, 2003a, p.97-99). Em conformidade com Bugueño e Farias (2007), chamaremos esse tipo de dicionário de dicionário semasiológico, dado que sua

⁶ Sobre a microestrutura e o programa constante de informações, cf. Dubois e Dubois (1971, p.39-46), Merzagora (1987, p.107-124), Hausmann e Wiegand (1989, p.340-357), Hartmann (2001, p.64-65), Hartmann e James (2001, s.v. *comment* e s.v. *microstructure*), Welker (2004, p.107-177), Garriga Escribano (2003, p.105-126), Bugueño (2004) e Bugueño e Farias (2006, 2007).

⁷ Este genótipo também é chamado “dicionário padrão” ou “dicionário geral de língua” em Biderman (2001), e de “dicionário geral” em Welker (2004). Este último autor ainda distingue entre “gerais seletivos” e “gerais extensos” (cf. WELKER, 2004, p.43).

principal característica é a elucidação do significado das palavras, normalmente através de paráfrases definidoras.⁸

A definição do perfil do usuário, por sua vez, tampouco é uma tarefa fácil. Por um lado, encontramos o problema da falta de estudos sobre o uso de dicionários da língua materna, apontado por Welker (2004, p.236),⁹ e, por outro lado, sabemos que o usuário de um dicionário semasiológico da língua é muito difuso, o que fica ainda mais evidente se o comparamos com o usuário de um dicionário escolar, por exemplo.¹⁰ Apesar das dificuldades em se definir as necessidades do consulente do tipo de obra em questão, em Bugueño e Farias (2007), arriscou-se dizer que o dicionário semasiológico é um dicionário cujo programa mínimo deve conter pelo menos uma informação sobre a significação e uma informação sobre a ortografia. Considerando que, na escala das categorias de informações consultadas em dicionários de língua apresentada por Hartmann (2001, p.82), são mencionados os sinônimos e as notas de uso, além da informação sobre a ortografia,¹¹ estas três, eminentemente informações auxiliares da tarefa de codificação, atrevemo-nos a dizer que os dicionários semasiológicos, além de cumprir a função decodificadora, denunciada pela designação que se lhes atribuiu, também são utilizados como auxiliares na produção lingüística.¹²

Assumindo que os usuários de um dicionário semasiológico também podem lhe atribuir uma função codificadora, apesar de que sua principal função ainda é auxiliar na compreensão lingüística, podemos dizer que o exemplo, na microestrutura deste tipo de obra, pode ser de dois tipos diferentes: 1) exemplo para a compreensão, e 2) exemplo para a produção. O exemplo para a compreensão cumpre pura e simplesmente a função de tornar mais clara a

⁸ Bugueño (2007) apresenta uma taxonomia de paráfrases definidoras, formulada a partir de dois parâmetros: 1) a perspectiva do ato da comunicação, e 2) a metalinguagem empregada.

⁹ Hartmann (2001) também já fazia referência ao pouco conhecimento acerca do usuário de dicionários e salientava a utilidade das pesquisas como método para se conhecer melhor as necessidades do consulente (cf. HARTMANN, 2001, p.80-83).

¹⁰ Em Farias (2007), apresentamos uma tentativa de traçar o perfil de usuário de um dicionário escolar dirigido a estudantes entre a 5ª e a 8ª série do ensino fundamental. Na falta de estudos empíricos que pudessem orientar a definição deste perfil de usuário, recorreu-se aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998). Os PCN (1998) são um documento elaborado pelo Ministério da Educação do Brasil, com vistas a orientar e padronizar o programa de ensino da educação básica no país. O perfil construído, no entanto, é falho em alguns aspectos, posto que não se considerou a heterogeneidade dos alunos, nem a falta de correspondência, muitas vezes, entre o que se prescreve no documento dos PCN (1998) e a realidade das escolas.

¹¹ A ordem das informações no *ranking* apresentado é: 1) significado, 2) ortografia, 3) pronúncia, 4) sinônimos, 5) notas de uso e 6) etimologia (HARTMANN, 2001, p.82).

¹² Salientamos que estamos pensando nos sinônimos como auxiliares na produção lingüística, ou seja, como um recurso de viés onomasiológico (HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *onomasiological dictionary*), a exemplo do que HouE (2001) tenta fazer, aliás, sem muito sucesso, ao reservar um espaço para informações deste tipo no final do verbete. Salientamos, porém que os sinônimos também podem ser encarados como um recurso de caráter semasiológico, complementando uma paráfrase definidora, ou, mesmo, substituindo-a (BUGUEÑO, 2007; BUGUEÑO; FARIAS, 2007).

significação, de modo que sua apresentação está intimamente relacionada com a qualidade da paráfrase definidora, como veremos a seguir. Por sua vez, o exemplo para produção deve apresentar o contexto sintático adequado da unidade léxica definida, levando em conta as possíveis dificuldades do consulente.

Critérios para a apresentação dos exemplos no dicionário semasiológico

Exemplos para a compreensão

Considerando que o dicionário semasiológico é usado principalmente para esclarecer dúvidas acerca da significação das palavras, podemos dizer que as paráfrases definidoras cumprem a função mais importante na microestrutura deste tipo de obra. Sendo assim, os exemplos para a compreensão estão em estreita relação com as definições oferecidas nos dicionários, podendo ser considerados como uma espécie de complemento destas.¹³ Contudo, os exemplos para a compreensão somente serão uma informação pertinente dentro do verbete se a paráfrase definidora, por si só, não conseguir dar conta de esclarecer ao consulente a significação de determinada unidade léxica. Daí a necessidade de se relacionar a funcionalidade do exemplo com a elaboração de uma técnica de definição.

O problema da definição lexicográfica é matéria de discussão em diversos trabalhos, a exemplo de Dubois e Dubois (1971, p.84-89), Haensch (1982, p.259-328), Merzagora (1987, p.113-120), Seco (1987, p. 15-45), Martínez de Souza (1995, s.v. *definición lingüística*), Landau (2001, p.153-216), Hartmann e James (2001, s.v. *definition* e s.v. *definition style*) e Jackson (2002, p.86-100). Contudo, apesar da importância atribuída à paráfrase definidora dentro da microestrutura do dicionário semasiológico e, conseqüentemente, de este ser um tema nuclear no âmbito da Lexicografia, ainda dispomos de poucos estudos conclusivos sobre como gerar uma boa definição, ou uma definição satisfatória (cf. BUGUEÑO, 2007).

Em Beneduzi (2004) e Beneduzi et al. (2005), procurou-se elaborar princípios para a redação das paráfrases definidoras de substantivos e verbos em um

¹³ Salientamos que o exemplo é apenas um dos elementos que podem ser utilizados como auxiliares para a compreensão do significado, complementando a paráfrase definidora. Outros recursos também podem ser empregados, em especial com a classe dos nomes: 1) o sinônimo com um viés semasiológico, tal qual mencionamos anteriormente (v. nota 12); 2) as informações adicionais, que chamamos de incrementos contextuais em Beneduzi et al. (2005, p.202-205), usadas como especificadores ou desambiguadores e separadas da definição propriamente tal pela utilização de um recurso formal, como parênteses ou colchetes, e 3) a combinação com uma técnica de definição ostensiva (HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *ostensive definition* e BUGUEÑO, 2007).

dicionário de falsos amigos espanhol-português,¹⁴ com o objetivo de otimizar os resultados obtidos na redação destas. Os princípios para a formulação das paráfrases dos substantivos foram elaborados com base nos critérios de concisão, abrangência e circularidade, propostos por Martínez de Souza (1995, s.v. *definición lingüística*), e no princípio de submissão à prova da substituição, apresentado em Seco (1987, p.19-34). Além disso, no que diz respeito à classe dos substantivos, também é fundamental considerar a questão da intensão e da extensão¹⁵ na redação das paráfrases definidoras.¹⁶ Observando estes critérios, distinguimos, nos dicionários analisados, entre dois tipos de paráfrases definidoras: 1) *paráfrases transparentes*, ou seja, paráfrases precisas, que esclarecem ao leitor a significação da unidade léxica em questão sem necessidade de elementos complementares, e 2) *paráfrases opacas*, ou seja, que não esclarecem ao leitor a significação da unidade léxica. Dentro do segundo grupo, correspondente às que chamamos de *paráfrases opacas*, podemos estabelecer ainda uma segunda divisão entre: a) *paráfrases opacas deficitárias*, ou seja, as mal redigidas, nas quais fica evidente a falta de critérios da obra no que diz respeito à elaboração das definições, e b) *as paráfrases opacas propriamente ditas*, ou seja, as paráfrases de unidades léxicas que, por sua natureza, são bastante difíceis de definir.

Um exemplo para a compreensão somente será imprescindível quando, de fato, não for possível oferecer uma definição que seja suficientemente elucidativa para o leitor. Assim sendo, ao estabelecer uma correspondência entre a função desse tipo de exemplo e a qualidade das paráfrases definidoras, estamos determinando que a exemplificação somente será uma informação funcional quando acompanhar uma paráfrase opaca propriamente dita. Para tornar mais claro nosso ponto de vista, apresentamos alguns exemplos a seguir.

Paráfrases transparentes

O primeiro tipo de paráfrase definidora que distinguimos, as chamadas transparentes, como já esclarecemos anteriormente, não necessitam ser

¹⁴ Sobre o projeto do dicionário de falsos amigos mencionado, cf. Bugueño (2003b).

¹⁵ A intensão é o conjunto de traços que caracterizam uma determinada entidade, de modo que a definição intensionalmente bem formulada é a que enumera os principais semas de determinada unidade léxica. A extensão, por outro lado, refere-se aos membros incluídos em uma determinada categoria (abrangência da definição). A intensão e a extensão são dois aspectos intrínsecos a toda e qualquer paráfrase definidora, de maneira que se um destes dois aspectos não está presente na construção da paráfrase, esta será pouco precisa e, portanto, pouco útil para o consulente. Para uma introdução ao problema da intensão e da extensão nas definições, cf. Schifko (1992, p.136), Hartmann e James (2001, s.v. *extensional definition* e s.v. *intensional definition*) e Geeraerts (2003).

¹⁶ Uma avaliação das paráfrases definidoras de dicionários escolares de língua portuguesa à luz desses princípios é apresentada em Farias (2006).

complementadas por um exemplo, já que não apresentam problemas para a compreensão do leitor. Selecionamos para análise as seguintes definições:

cardápio [...] S.m. Bras. **1.** Lista das iguarias que um restaurante, etc., pode servir, em geral com o preço de cada uma delas: “As pastas alimentícias entravam habitualmente nos cardápios de hotéis e restaurantes” (Eduardo Frieiro, Feijão, Angu e Couve, p. 270) [...] (AuE, 1999, s.v.)

lajota [...] pequena laje, esp. a que é us. para revestir pisos. Ex.: cozinha revestida de l. (HouE, 2001, s.v.)

As definições de *cardápio* e *lajota*, oferecidas respectivamente por AuE (1999, s.v.) e HouE (2001, s.v.), muito embora pudessem ser aprimoradas mediante a aplicação de uma técnica de definição rigorosa, visando, principalmente, facilitar a submissão à prova da substituição em um contexto determinado, são bastante claras para o usuário, já que estão bem formuladas intensional e extensionalmente, de modo que os exemplos apresentados nestes verbetes não têm valor funcional para a compreensão da significação.

Paráfrases opacas

Paráfrases opacas deficitárias

Dentre as definições opacas deficitárias encontradas nos dicionários, selecionamos os seguintes casos como ilustração:

escanteio [...] **1.** falta em que a bola é lançada para fora do campo, pela linha de fundo, por jogador da equipe que defende essa linha; *comer*. Ex.: o juiz marcou e. contra o Flamengo. **2.** [...] cobrança dessa falta, devendo o jogador posicionar-se junto à bandeira de *comer* para retornar a bola ao jogo; *comer*, tiro de escanteio, tiro de canto, tiro esquinado. Ex.: o jogador bateu um e. (HouE, 2001, s.v.)

lambedor [...] **5.** Loque (2): “o velho Ingá referiu-se às virtudes medicinais daquela árvore – jataí –, de cujo entrecasco os curandeiros fazem um ‘lambedor’ – espécie de xarope – ótimo para limpar os brônquios.” (Ulisses Lins de Albuquerque, Um Sertanejo e o Sertão, pp. 234-235) [...] (AuE, 1999, s.v.)

merendar [...] V.t.d. **1.** Comer à hora da merenda: “Se era hora de recreio, merendava seu pão doce com doce.” (Lustosa da Costa, Sobral do Meu Tempo, p. 45.) [...] (AuE, 1999, s.v.)

¹⁷ Para a acepção 1, temos uma definição transparente, que, por sua vez, também dispensaria a presença do exemplo.

A definição de *escanteio* oferecida por Hou (2001, s.v., ac. 2),¹⁷ como podemos perceber, não é passível de submeter-se à prova da substituição, independentemente do fato de remeter à primeira acepção de *escanteio*, o que seria legítimo. Isso é decorrência, em boa medida, do fato de o lexicógrafo não ter considerado que estava diante de um caso de colocação (*marcar o/um escanteio, bater o/um escanteio, cobrar o/um escanteio*).¹⁸ Para esse vocábulo, se houvesse necessidade de exemplificação, esta serviria para a produção (identificando os verbos com os quais este substantivo pode combinar-se), e não para a compreensão.

Em *lambedor*, a situação é ainda mais grave, já que AuE (1999, s.v., ac. 5) sequer apresenta uma paráfrase definidora, limitando-se a oferecer um sinônimo que, aliás, é bem pouco esclarecedor para o consultante.¹⁹ Observemos ainda que, neste verbete, o exemplo oferecido acaba cumprindo a função que deveria ser exercida pela paráfrase definidora, esclarecendo ao usuário a significação da unidade léxica em questão.

Por fim, a definição de *merendar*, em AuE (1999, s.v., ac. 1), também é pouco clara para o consultante, já que incorre num erro parecido ao da definição sinonímica, ao utilizar na paráfrase o substantivo *merenda*, do qual derivou o verbo, segundo a informação etimológica apresentada em AuE (1999, s.v. *merendar*).

Como podemos perceber, os exemplos somente têm valor nestas circunstâncias porque as paráfrases não estão bem construídas e são, por conseguinte, pouco elucidativas para os consultantes. Se as definições destes vocábulos sofressem uma reformulação,²⁰ os exemplos deixariam de ser informações pertinentes nestes verbetes, perdendo, pois, sua função.

Paráfrases opacas propriamente ditas

As paráfrases opacas propriamente ditas constituem o único tipo de paráfrase que tem necessidade real de ser complementada por um exemplo para a compreensão, já que estamos convencidos de que existe um grupo de unidades léxicas cuja dificuldade de definição é inerente à sua natureza.²¹

¹⁷ Algumas considerações acerca do problema das colocações são feitas em Welker (2004, p.140-149).

¹⁹ Sobre o problema das definições sinonímicas, cf. Martínez de Souza (1995, s.v. *definición lingüística*).

²⁰ Uma sugestão para a reformulação destas paráfrases definidoras seria, para *escanteio* (ac. 1 e 2), “falta (no futebol) que consiste na saída da bola pela linha de fundo, provocada por um jogador que defende este lado do campo” e “*cobrar/bater um* ~. chutar a bola do canto do campo em direção à área da equipe adversária (após a constatação do ~ [→ ac. 1])”; para *lambedor*, “medicamento líquido adocicado e de consistência viscosa (para o tratamento de doenças do sistema respiratório)”; e para *merendar*, “comer [um alimento leve] (no intervalo entre as refeições maiores)”.

²¹ Exemplos de vocábulos que apresentam esta dificuldade para ser definidos de forma clara e concisa podem ser encontrados dentro dos grupos de nomes que designam animais, frutos e plantas, como constatamos em Beneduzi et al. (2005, p.205-209). Há também outras unidades léxicas que apresentam o mesmo tipo de dificuldade, dentre as quais destacamos os vocábulos gramaticais, como preposições, conjunções etc., para os quais, aliás, ainda não existem muitos estudos sobre a técnica de definição mais apropriada a ser aplicada.

Vejamos alguns casos:

alfinete de segurança [...] Bras. **1.** Espécie de alfinete formado de duas partes articuladas, e cuja ponta se prende em uma cavidade da cabeça, a fim de que não pique nem se desprenda; segurança, joaninha. [...] (AuE, 1999, s.v. *alfinete*)

formão 1. [...] ferramenta manual, própria para madeira, com uma extremidade embutida num cabo e a outra chata, terminando em lâmina afiada [Usado esp. em obras de talha e corte de ensambladuras.] [...] (HouE, 2001, s.v. *formão*²)

As paráfrases definidoras de *alfinete de segurança* e de *formão*, extraídas, respectivamente, de AuE (1999, s.v. *alfinete*) e de HouE (2001, s.v. *formão*²), como podemos perceber, estão bem formuladas. Salientamos, aliás, o fato de que em ambos os dicionários, havendo sido constatada a dificuldade em se definir essas unidades léxicas, buscou-se um recurso para tentar tornar mais clara a definição: AuE (1999, s.v. *alfinete*) apresenta dois sinônimos como complemento da definição, enquanto HouE (2001, s.v. *formão*²) aproveita um espaço à parte da definição para oferecer uma informação enciclopédica que pode ajudar o leitor a compreender o significado. Além destes recursos, o exemplo poderia ter sido utilizado nestes casos para tornar mais clara a definição.

Os substantivos abstratos que indicam ato, processo ou efeito,²² por sua vez, também necessitam uma atenção especial por parte do lexicógrafo, já que muitas vezes é difícil para o consulente identificar a diferença entre cada uma destas significações. Observemos o seguinte caso:

crescimento [...] ato, processo ou efeito de crescer **1.** multiplicação ou aumento em dimensão, volume ou quantidade. Ex.: <c. populacional> <c. de reservas> **2.** intensificação de algo; ampliação, expansão. Ex.: <uma campanha em fase de c.> <c. da criminalidade> **3.** [...] desenvolvimento ou prosperidade; acréscimo em importância ou significado. Ex.: <inquieta-se com o c. do vizinho> <sua candidatura vem tendo um c. surpreendente> [...] (HouE, 2001, s.v.)

Inicialmente, o dicionário define *crescimento*, de uma forma bem genérica, como “ação”, “processo” e “efeito” de crescer, mas, nas acepções específicas

²² Em Beneduzi et al. (2005, p.212-215), os substantivos abstratos que se originam de verbos foram classificados como abstratos de ação e, dentro desse grupo, estabeleceu-se uma distinção entre os nomes a partir da classificação do aspecto dos verbos dos quais derivam. Dessa forma, os substantivos derivados de verbos essencialmente incoativos, isto é, que indicam o início de um processo, foram classificados como ato; os substantivos abstratos que se originam de verbos cursivos, isto é, que indicam a totalidade de um processo, foram classificados como processo, e, finalmente, os abstratos que se originam de verbos resultativos, isto é, que indicam a consequência ou o resultado de um processo, foram classificados como efeito. Assim, *ato*, *efeito* e *processo* foram os hiperônimos selecionados para esses substantivos, a fim de se estabelecer um padrão para a geração das paráfrases definidoras dos substantivos abstratos.

que oferece a seguir, somente apresenta definições e exemplos para os significados de “efeito” (correspondente à acepção 1) e “processo” (correspondente às acepções 2 e 3), esquecendo-se de definir a acepção correspondente a “ação”. Além disso, podemos perceber que a maioria dos exemplos oferecidos são ambíguos, como no caso de “crescimento da criminalidade”, para a acepção 2, onde *crescimento* pode ser entendido como “processo de crescer” ou como “efeito de crescer”, dado que não há no contexto oferecido nenhum elemento que possa ajudar a esclarecer a ambigüidade.

Por fim, analisamos também um verbete correspondente a uma conjunção. As palavras gramaticais²³ reclamam maior atenção por parte dos redatores, pois, em primeiro lugar, para esse tipo de unidade, nem sempre é possível oferecer uma definição em metalinguagem de conteúdo,²⁴ e, em segundo lugar, nem sempre as paráfrases oferecidas conseguem dar conta de elucidar a noção que elas expressam em cada contexto.

e [...] 2. Conjunção adversativa, quando equivale a *mas, contudo*: [...] Difamou o outro e bancou o ofendido [...] (MiE, 2001, s.v.)

O exemplo apresentado em MiE (2001, s.v. *e*, ac. 2) não ajuda o consulente a entender o valor adversativo da conjunção *e*, já que, fora de um contexto maior, o leitor poderia atribuir um valor aditivo a este elemento de ligação, sem que a oração apresentada perdesse sentido. Algumas conjunções coordenativas podem assumir matizes variados de significado em decorrência do contexto, como é o caso da conjunção *e*, que pode denotar, além de adição, adversidade, conclusão, finalidade, conseqüência, ou ainda, ser usada para enfatizar o enunciado que a segue.²⁵ Por essa razão, é muito importante que o exemplo oferecido apresente um contexto suficiente para que o leitor possa compreender o valor da conjunção em cada caso. O exemplo apresentado em AuE (1999) para este mesmo matiz de significado da conjunção *e* é bem mais elucidativo para o consulente, independentemente do fato de ser uma abonação, não um exemplo inventado, porque, entre outras razões, apresenta um contexto um pouco maior:

²³ As palavras gramaticais são as que só encontram representação no sistema gramatical e expressam as relações temporais e espaciais, a modalização, a intensificação, a referenciação, a dêixis e a conexão entre sintagmas e períodos, contrapondo-se às palavras lexicais, portadoras de conteúdo semântico próprio. Sobre a diferença entre palavras gramaticais e lexicais, cf. Borba (2003, p.45-78).

²⁴ Segundo Seco (1987), podemos encontrar dois tipos de definição nos dicionários: as definições em metalinguagem de conteúdo, que são as definições propriamente ditas, e as definições em metalinguagem de signo, também chamadas “definições impróprias” ou “explicações”. A maior diferença entre esses dois tipos de paráfrase reside no fato de que as definições em metalinguagem de signo não se deixam submeter à prova da substituição (cf. SECO, 1987, p.22-23).

²⁵ Sobre os valores semânticos da conjunção *e*, cf. Neves (2000, p.742-750) e Cunha e Cintra (2001, p.582-584).

e [...] 3. Adversativa: e no entanto, e contudo; e apesar disso: “O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa!” (Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas, p. 105.) [...] (AuE, 1999, s.v.)

Como vemos, tão importante quanto identificar os tipos de unidades léxicas cujas paráfrases precisariam ser complementadas por uma exemplificação, é dispor de uma técnica de redação do exemplo que auxilie a tornar esta informação um fato discreto e discriminante dentro da microestrutura.

Exemplos para a produção

Como já salientamos, embora os dicionários semasiológicos sejam usados majoritariamente para fins de compreensão lingüística, não se pode ignorar que uma boa parcela dos consulentes também os utiliza como um auxílio na produção lingüística. Acreditamos, pois, que os exemplos oferecidos nos verbetes, se bem selecionados ou construídos, também podem ser uma ferramenta de ajuda na produção lingüística, dado que cumprem a função de apresentar os contextos sintáticos das unidades léxicas definidas. Esta segunda categoria de exemplos cobrará maior importância se aparecer incrementando as definições de adjetivos relacionais e de alguns nomes e verbos, bem como para indicar colocações (como no caso de *escanteio*, que comentamos anteriormente).

Adjetivos relacionais

Comparemos as definições e os exemplos apresentados nas situações A e B:

A)

caseiro [...] 4. diz-se de quem gosta muito de ficar em casa, de quem evita sair à rua. Ex.: marido c. [...] (HouE, 2001, s.v.)

indeiscente [...] Adj. 2 g. Bot. 1. Que não se abre ao atingir a maturidade: fruto indeiscente. (AuE, 1999, s.v.)

B)

comercial [...] 1. Relativo ao comércio. 2. Próprio do comércio. (MiE, 2001, s.v.)

estudantil [...] Adj. 2 g. 1. De, ou próprio de estudante. (AuE, 1999, s.v.)

Como podemos perceber pela análise das definições dos adjetivos do grupo A, eles denotam uma qualidade específica, apresentando uma significação perfeitamente monossêmica, independentemente do substantivo ao qual servem

de atributo. Nestes casos, um exemplo para a produção não será necessário, já que basta indicar a restrição de atribuição²⁶ do adjetivo na paráfrase definidora. Na definição de *caseiro*, HouE (2001, s.v., ac. 4) indica a restrição de atribuição na paráfrase, mas não a destaca, separando-a da definição propriamente tal, de modo que transparece uma confusão entre informações de primeiro enunciado (comentário de forma) e informações de segundo enunciado (comentário semântico) (SECO, 1987, p.15-22).²⁷ Se a restrição de atribuição for marcada na paráfrase, o exemplo torna-se supérfluo, considerando que a definição de *caseiro* ficará completamente transparente para o leitor. Some-se a este o fato de que não há nenhum elemento no contexto que possa ajudar a esclarecer o significado, de modo que, se a paráfrase não fosse clara, este exemplo, da mesma forma, seria inútil.

A definição de *indeiscente* apresenta um problema um pouco distinto. AuE (1999, s.v.), ao contrário de HouE (2001, s.v. *caseiro*), não indica a restrição de atribuição na paráfrase, deixando essa função para o exemplo apresentado. Contudo, o ideal seria que a restrição de atribuição sempre viesse indicada na paráfrase, separada desta por algum recurso formal, está claro. A exemplificação, no caso específico deste vocábulo, poderia ser apresentada para auxiliar na compreensão, ilustrando, por exemplo, algumas espécies de frutos que apresentam esta característica, dado que se trata de um termo técnico, pouco familiar para o público médio deste tipo de dicionário.

Os adjetivos do grupo B, por sua vez, não apresentam um significado constante, de modo que o substantivo ao qual se unem é que vai determinar seu significado num dado contexto. Estes são chamados de adjetivos relacionais.²⁸ DUPB (2002), por exemplo, apresenta doze distintos matizes de significação para o adjetivo *comercial*,²⁹ e quatro para o adjetivo

²⁶ Há casos em que o adjetivo pode servir como atributo para toda uma classe, de forma que esta pode ser expressa pelos vocábulos *algo* ou *alguém*, como é o caso de *caseiro*. Existem outros adjetivos, porém, que não podem ser atributos de qualquer substantivo, mas apenas de alguns com características semânticas específicas, como é o caso de *indeiscente*, que pode caracterizar apenas frutos. A esta indicação da classe ou grupo de substantivos aos quais os adjetivos podem servir de atributos, chamamos "restrição de atribuição". Para sinalizar a marcação da restrição de atribuição na paráfrase definidora, sugerimos o recurso gráfico dos colchetes, a fim de separar esta informação, que é parte do comentário de forma, do conteúdo da definição (comentário semântico).

²⁷ Nossa proposta para a reformulação desta definição é: "[pessoa] que gosta de ficar em casa".

²⁸ Os adjetivos relacionais não denotam uma qualidade ou propriedade específica dos substantivos (como os adjetivos qualificativos, representados aqui por *caseiro* e *indeiscente*), mas denotam um conjunto de propriedades, de modo que o significado do substantivo ao qual se unem é fundamental para determinar a sua significação numa circunstância determinada. Sobre os adjetivos relacionais, cf. Demonte (1999, p.136-141).

²⁹ Dentre os matizes de significação isolados por DUPB (2002, s.v. *comercial*), destacamos: "onde se faz comércio: *este fabuloso centro comercial; essa rua comercial num domingo*" (DUPB, 2002, s.v., ac. 3), "para o comércio: *volume médio de madeira comercial; área de imóveis comerciais*" (DUPB, 2002, s.v., ac. 4), "do comércio: *protegido pelo monopólio comercial; a exploração comercial em torno da visita do Papa*" (DUPB, 2002, s.v., ac. 9).

estudantil.³⁰ Dado que é muito difícil prever quais são as significações que esta classe de adjetivos poderá assumir em decorrência do substantivo ao qual acompanham, a melhor solução seria oferecer uma definição em metalinguagem de signo que indique o campo semântico que o adjetivo abrange, e apresentar alguns exemplos de substantivos aos quais o adjetivo em questão é passível de unir-se. Dessa forma, além de o consulente ter uma noção aproximada dos contextos sintáticos em que o vocábulo pode aparecer, também poderá identificar alguns matizes de significação.

Designações

Utilizamos o termo “designação” para as unidades léxicas aplicadas a mais de um referente extralingüístico distinto. Um exemplo clássico deste tipo de lexema são os termos hiperonímicos, como *pomo* “designação para os frutos carnosos”, cujo conceito abrange diversas espécies de frutos.³¹ Outro tipo de unidade léxica que incluímos no grupo das designações é apresentado a seguir:

chiqueiro [...] **3.** [...] lugar imundo, sem higiene alguma. Ex.: a casa abandonada era um c. (HouE, 2001, s.v.)

O vocábulo *chiqueiro*, com o significado transcrito acima, apresenta a particularidade de ser utilizado somente em expressões de comparação para indicar que algo está muito sujo, geralmente em predicados nominais, cumprindo a função de predicativo do sujeito.³² A definição fornecida por HouE (2001, s.v. *chiqueiro*, ac. 3) não dá conta de esclarecer isso ao consulente, além do que, se substituída pelo signo-lemma em alguns contextos, apresentará problemas para sujeitar-se à prova da substituição. Consideremos, por exemplo, os enunciados *A casa está um chiqueiro* e *A casa parece um chiqueiro*. Nestas situações, substituir o signo *chiqueiro* pela paráfrase definidora proposta por HouE (2001), apesar de ser sintaticamente possível, não produziria enunciados semanticamente equivalentes aos apresentados, isso porque não existe identidade intensional entre “chiqueiro” e “lugar muito sujo, sem higiene alguma”, ou seja, que o signo-lemma e a paráfrase não apresentam um conjunto de traços intrínsecos que lhes permitam ser intensionalmente equivalentes. Um

³⁰ Em DUPB (2002, s.v. *estudantil*), temos “1. de estudante: (...) *documentos de identidade e carteira estudantil* (...); (...) *com relação a moradias estudantis* (...). 2. que estuda; estudante: (...) *a colaboração ativa da juventude estudantil*; (...) *nas nossas universidades cuja população estudantil atualmente* (...). 3. dos estudantes: (...) *ligada às reivindicações estudantis* (...); *Sobre o problema estudantil* (...). 4. característico de quem é estudante: *uma referência estudantil* (...).” (DUPB, 2002, s.v.).

³¹ O problema das designações é discutido em Farias (2006, p.193-194).

³² Não se pode construir enunciados como **O chiqueiro estava cheio de gente* ou **Mandei você limpar o chiqueiro*, onde *chiqueiro* corresponda à significação arrolada acima.

exemplo, como o fornecido por HouE (2001, s.v. *chiqueiro*, ac. 3), acompanhado de uma definição bem formulada em metalinguagem de signo (que seria a mais indicada nestes casos), é bastante importante para ajudar o consulente a entender como deve usar um vocábulo desse tipo.

Verbos

Em geral, se a valência dos verbos estiver marcada na paráfrase definidora,³³ os exemplos para a produção tornam-se desnecessários no verbete.

derreter V★[Ação-processo] [Compl: nome concreto não-animado]
1. Fazer passar do estado sólido para o líquido ou pastoso: *Você toma as alianças e manda derreter?* (INC); *Pode derreter o toucinho* (CAS). [...] (DUPB, 2002, s.v.)

oferecer [...] 1. dar de presente (a). Ex.: o. flores (à namorada) [...] (HouE, 2001, s.v.)

No primeiro caso, temos um verbo que a gramática tradicional classifica como transitivo direto (em *Miguel derreteu o gelo*) ou intransitivo (em *O gelo derreteu*), e que DUPB (2002, s.v. *derreter*, ac. 1) classificou como verbo de ação-processo, que exige complemento de nome concreto não animado.³⁴ Nesse caso, pois, se a abonação não servisse aos propósitos desta obra, seria absolutamente dispensável, já que a valência poderia ser marcada na própria paráfrase definidora, sem que isso representasse um problema para o consulente. Bastaria, pois, reformular a definição apresentada em DUPB (2002): “fazer [algo] passar do estado sólido para o estado líquido/pastoso”. O mesmo ocorre com *oferecer* em HouE (2001, s.v., ac. 1). Esse dicionário apresenta o verbo *oferecer* como transitivo direto ou bitransitivo,³⁵ de modo que seria suficiente marcar os actantes na paráfrase definidora para que o consulente não tivesse dúvidas sobre como

³³ Sobre a questão da valência verbal, cf. Neves (2000, p.25-53). Sobre a apresentação da valência verbal nas paráfrases definidoras, cf. Seco (1987, p.35-45) e Beneduzi et al. (2005, p.215-218).

³⁴ DUPB (2002) propõe uma classificação distinta para os verbos, a fim de servir à sua proposta que visa separar as acepções não só com base na significação, mas levando em conta o comportamento sintático. Assim, nesta obra, abandonou-se completamente a classificação tradicional, e dividiu-se os verbos em *ação* (verbo associado a um sujeito agente), *processo* (verbo que expressa um evento ou uma sucessão de eventos), *ação-processo* (verbo que expressa mudança de estado ou de condição) e *estado* (verbo cujo sujeito é um mero suporte de propriedades ou experimentador) (cf. DUPB, 2002, p.VII).

³⁵ Verbo bitransitivo é o que exige complemento direto e indireto concomitantemente. Com relação ao complemento indireto, por sua vez, verificamos uma discrepância de opiniões. Para Cunha e Cintra (2001, p.143-145), complemento indireto é o complemento que se liga ao verbo por meio de uma preposição, independentemente de expressar ou não o destinatário da ação. Rocha Lima (1985) e Bechara (1999), ao contrário, consideram como complemento indireto somente os sintagmas que expressam o beneficiário ou destinatário da ação (cf. ROCHA LIMA, 1985, p.219-221 e BECHARA, 1999, p.421-422), distinguindo este tipo de complemento dos demais complementos verbais encabeçados por preposição, a saber, os complementos relativos e os complementos circunstanciais.

usá-lo. A definição, neste caso, poderia ser “dar [algo] (a [alguém]) (para que o utilize/desfrute)”.

Há casos, contudo, que constituem exceções. Seleccionamos alguns problemas para discutir neste trabalho.

arcar [...] **3.** Responder por; responsabilizar-se: arcar com o prejuízo. [...] (AuE, 1999, s.v. *arcar*²)

propender [...] **2.** [...] ter tendência, pendor ou gosto para (algo); inclinar-se, tender. Ex.: <ele propende mais para as artes do que para a ciência> <os jurados propendiam a absolver o réu> (HouE, 2001, s.v.)

cair [...] **29.** Cair (1) de certa altura; despencar: Caiu do 10º andar e sobreviveu. [...] (AuE, 1999, s.v.)

AuE (1999, s.v. *arcar*², ac. 3) classifica este verbo como transitivo indireto,³⁶ fornecendo um exemplo que indica a preposição adequada para construir o verbo, sem deixar dúvidas ao consultante. HouE (2001, s.v. *propender*, ac. 2), a exemplo do que faz AuE (1999, s.v. *arcar*²), classifica o verbo como transitivo indireto e também apresenta exemplos que ilustram duas construções distintas, indicando ao consultante as duas preposições que podem aparecer com o verbo *propender*. Além disso, salientamos o fato de que as orações apresentadas para exemplificação estão na ordem direta, o que facilita a identificação dos actantes na oração. Por fim, a paráfrase definidora, muito embora apresente problemas evidentes de redação, procura informar ao leitor a valência do verbo, deixando uma lacuna que deve ser preenchida pelo contexto (“ter tendência, pendor ou gosto *para* (algo) [grifo nosso]”).

Finalmente, no terceiro caso, AuE (1999, s.v. *cair*, ac. 29) classifica o verbo como transitivo circunstancial³⁷ e também oferece um exemplo bem claro para

³⁶ Note-se que AuE (1999), neste caso, seguiu a classificação tradicional. O complemento selecionado pelo verbo *arcar*, classificado como objeto indireto por AuE (1999), de acordo com Rocha Lima (1985) e Bechara (1999), seria classificado como complemento relativo. O complemento relativo, segundo os autores mencionados, é um complemento obrigatório com valor de objeto direto, ligado ao verbo por preposição; esta, por sua vez, é determinada pela norma e forma um bloco com o verbo (cf. ROCHA LIMA, 1985, p.221-222 e BECHARA, 1999, p.419-421). No entanto, o próprio Bechara (1999) observa que “Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complemento relativo” (BECHARA, 1999, p.421). Cunha e Cintra (2001, p.143-145), por exemplo, consideram como objeto indireto o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição, usando, para ilustrar o conceito proposto, verbos como *duvidar* e *necessitar*, que Rocha Lima (1985) e Bechara (1999) apresentam como verbos que exigem complemento relativo.

³⁷ O complemento circunstancial é tão indispensável à construção do verbo como os demais complementos verbais, e difere-se do complemento relativo, definido em Rocha Lima (1985) e Bechara (1999), pela sua natureza adverbial. Na maioria das vezes, os verbos que exigem o complemento circunstancial são construídos com preposição que, neste caso, formam uma unidade com o verbo (por exemplo, *morar em, ir a*), de modo que não podem ser substituídas por outra preposição, a menos que a norma permita. Sobre o complemento circunstancial, cf. Rocha Lima (1985, p.222-223) e Bechara (1999, p.436-439).

o consulente que deseja saber com qual preposição o verbo *cair* é construído. Além disso, este dicionário também apresenta na paráfrase definidora a valência do verbo (“de certa altura”), muito embora a definição esteja mal formulada, e esta informação (correspondente ao primeiro enunciado) não esteja separada do conteúdo da definição (informação de segundo enunciado).

Propostas para a geração de exemplos no dicionário semasiológico

Na primeira parte deste trabalho, procuramos estabelecer critérios que nos permitissem avaliar a pertinência da presença de exemplificação em cada caso individual, e distinguimos duas classes diferentes de exemplos no dicionário: para a compreensão e para a produção. Nesta segunda parte do trabalho, trataremos de formular algumas propostas, ainda que provisórias, para a apresentação dos exemplos destinados a cumprir cada uma das funções discriminadas,³⁸ baseando-nos na nossa experiência com a análise de dicionários e, principalmente, tendo em vista atenuar as falhas encontradas nos exemplos oferecidos pelos dicionários que avaliamos. Considerando, porém, que os exemplos oferecidos nos verbetes guardam estreita relação com as definições correspondentes, necessitaremos, na maior parte dos casos, reformular também as paráfrases apresentadas nos dicionários.

Propostas de exemplos para a compreensão

Substantivos concretos e adjetivos qualificativos

No caso da exemplificação destinada a auxiliar a compreensão, é essencial que os exemplos oferecidos apresentem elementos que possam esclarecer o significado para o consulente. Estes elementos, no caso dos substantivos concretos e adjetivos qualificativos com os quais trabalhamos, podem ser, por exemplo, informações enciclopédicas (sobre a entidade extralingüística) que, em geral, preferimos descartar no momento de redigir as paráfrases definidoras.³⁹ Dessa maneira, informações como a utilidade, a função que executa, de que forma e por quem é usado etc., podem ser oferecidas sem nenhum problema nos exemplos, na tentativa de ajudar o consulente a entender o significado da unidade léxica definida.

³⁸ Para formular os exemplos que apresentaremos a seguir, realizamos consultas acerca de contextos de ocorrência em sites de busca da internet. Dessa forma, os enunciados e sintagmas aqui apresentados como exemplos são adaptações de alguns desses contextos.

³⁹ Como sabemos, a definição deve preocupar-se primeiramente em explicar o que a palavra significa (metalinguagem de conteúdo), e não como é, para que serve e como se usa (metalinguagem de signo).

Nossa sugestão, pois, para a reformulação das paráfrases e dos exemplos apresentados nos verbetes correspondentes às entradas *alfinete de segurança*, *formão* e *indeiscente*, que discutimos anteriormente, é:

alfinete de segurança

Objeto de metal formado por duas pequenas hastes articuladas, uma delas com ponta e a outra com uma dobra onde se encaixa a ponta da primeira (para fechá-lo, segurando [algo]).

A mãe usava um ~ para prender a dobradura da fralda do bebê.

Maria prendia o crachá na blusa com um ~.

formão

Ferramenta de metal com uma extremidade embutida num cabo e a outra achatada e afiada (para entalhar a madeira).

O carpinteiro batia com o martelo no cabo do ~ para fazer uma incisão na madeira.

João fez uma bela obra entalhando a madeira com um ~.

indeiscente⁴⁰

[fruto] que não se abre para liberar as sementes quando maduro.

A maçã, a pêra, a laranja, o tomate e o pêssego são alguns tipos de frutos ~s.

Substantivos abstratos de ação

Os hiperônimos mais comumente utilizados nas definições deste tipo de substantivo, “ação” e “efeito”, muitas vezes não são muito claros para os consulentes. Some-se a este o fato de que, na maioria dos casos, os lexicógrafos ainda costumam oferecer definições encabeçadas por “ação e efeito”, de modo que sobra para o leitor uma decisão que deveria ter sido tomada pelo redator. Acreditamos, pois, que as acepções de “ato”, “processo” e “efeito” deveriam aparecer separadas nos dicionários e acompanhadas de exemplos que permitissem uma distinção clara entre uma significação e outra. Para tanto, os exemplos devem trazer elementos-chave (como verbos e/ou advérbios/adjuntos

Destacamos, no entanto, que a teoria metalexigráfica abandonou a idéia de tentar estabelecer uma separação radical entre definição lexicográfica e informação enciclopédica. O que se busca com essa distinção é tentar limitar, na medida do possível, as informações estritamente lexicográficas, separando-as das informações enciclopédicas, sem sacrificar a compreensão. Com isso, queremos salientar que, algumas vezes, os enciclopedismos têm alguma utilidade dentro do comentário semântico, muito embora uma definição que abuse deste tipo de recurso não represente nenhuma ajuda para o consulente. Assim sendo, o importante é saber como e quando usar essas informações na elaboração das definições, de modo que elas possam contribuir para tornar as paráfrases mais elucidativas, o que nem sempre acontece com as definições apresentadas pelos dicionários analisados. A esse respeito, cf. Farias (2006, p.189-193).

⁴⁰ Neste caso, em vez de oferecer um exemplo, poder-se-ia acrescentar um elemento de caráter extensional à definição apresentada: “[fruto] que não se abre para liberar as sementes quando maduro (como a maçã, a pêra, a laranja, o tomate e o pêssego)”.

adverbiais) que permitam ao consulente identificar se dada acepção do substantivo em questão denota o início de uma ação, todo o processo, ou ainda, a consequência ou resultado de uma ação ou processo. Nossa proposta para o substantivo *crescimento*, que discutimos anteriormente, é:

crescimento

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none">1. processo de desenvolvimento de [alguém/algo].
Os pais acompanham o ~ dos filhos.
O governo assiste ao ~ da criminalidade de braços cruzados.2. efeito do desenvolvimento de [alguém/algo].
O comércio registrou um ~ nas vendas do Natal passado.
A inércia do governo resultou no ~ da delinquência juvenil. |
|---|

Primeiramente, verificamos que o verbo *crescer*, do qual deriva o substantivo *crescimento*, é um verbo cursivo, ou seja, indica a totalidade de um processo. Desse modo, e já que o verbo *crescer* não apresenta nenhum traço incoativo, descartamos a significação de “ato” (apresentada em HouE, 2001, s.v. *crescimento*). Tivemos, no entanto, que considerar a significação de “efeito”, já que comprovamos a existência dessa acepção (talvez decorrente de um processo de expansão sêmica) por meio da consulta a contextos de ocorrência desse vocábulo em sites de busca da internet. Para assinalar, nos exemplos oferecidos, a distinção entre as duas acepções, utilizamos, no caso da significação de “processo”, verbos no presente, e para a significação de “efeito”, verbos no passado, preferentemente que expressassem a constatação de algo.

Propostas de exemplos para a produção

Adjetivos relacionais

A exemplificação, no caso dos adjetivos relacionais, serve tão somente para informar ao consulente que deseja produzir os possíveis substantivos com os quais o adjetivo em questão pode combinar-se. Sendo assim, não é necessário apresentar sentenças completas como exemplos, bastando apenas sintagmas nominais para indicar os contextos em que o adjetivo pode ocorrer. Nossa proposta para a definição e exemplificação em verbetes de adjetivos relacionais é:

comercial

Relativo ao comércio. associação ~ ; junta ~ ; diretor ~ ; representante ~ ; lançamento ~ .
--

estudantil

Relativo aos estudantes.
movimento ~ ; carteira ~ ; financiamento ~ ; grêmio ~ ; líder ~ .

Designações

Os exemplos fornecidos para as unidades léxicas que identificamos como designações devem apresentar as construções mais comuns com a palavra em questão. Nossa proposta para a exemplificação de *chiqueiro* é:

chiqueiro

Designação para um lugar muito sujo.
O banheiro da rodoviária parece um ~!
O quarto do filho está parecendo um ~!
Esta casa virou um ~!

Verbos

Com relação aos verbos, se o exemplo estiver destinado a auxiliar a produção, o mais importante é que os actantes apareçam destacados na oração apresentada e que a(s) preposição(ões) adequada(s) para a construção do verbo sejam indicadas. Além disso, para que a informação acerca da valência fique mais acessível para o leitor, é importante apresentar somente períodos simples, em ordem direta (SVO). Assim, pois, nossa proposta para a formulação de exemplos em verbetes correspondentes a verbos é:

arcar

Assumir a responsabilidade por [algo].
[João] arcou com [os custos da viagem].
[A prefeitura] arcará com [as despesas da obra].

propender

Ter inclinação a [algo].
[A natureza humana] propende para [o mal].
[O governo] propende a [uma solução menos radical].

cair

Sofrer [alguém/algo] uma queda de [um lugar].
[O gato] caiu de [uma árvore].
[A criança] caiu da {de + a} [cama].

FARIAS, V. S. The example as discrete and discriminate information in semasiological dictionaries of Portuguese. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.1, p.101-122, 2008.

- **ABSTRACT:** *A current discussion in metalexigraphy is the question of the example within the microstructural information program. There are a considerable number of studies on this issue. However, most of them try to classify the examples without taking into account the question of functionality and generation technique of the example. This paper aims at proposing criteria to turn the example into a discrete and discriminate information in the microstructure of semasiological dictionaries of Portuguese. Two topics are developed. Firstly, we distinguished between two types of examples, according to its function: 1) Examples for decoding and 2) Examples for encoding. Next, we made some suggestions to build the examples in each case.*
- **KEYWORDS:** *Lexicography; semasiological dictionary; microstructure; example.*

Referências

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BENEDUZI, R. Análise das definições em quatro dicionários semasiológicos da língua portuguesa e propostas de emendas. *Ao Pé da Letra*, Recife, v.6, p.183-190, 2004.
- BENEDUZI et al. Avanços na redação de um dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Lusorama*, Frankfurt am Main, n.61/62, p.195-219, 2005.
- BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 131-144
- BORBA, F. *Organização dos dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.
- _____. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002. (DUPB).
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/sef/pcn.shtm>>. Acesso em: 30 abr. 2006.
- BUGUEÑO, F. Cómo leer y qué esperar de un diccionario monolíngüe (con especial atención a los diccionarios del español). *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, v.4/5, p.97-114, 2003a.
- _____. Consideraciones para un nuevo diccionario de falsos amigos español-portugués. *Polifonia*, Cuiabá, v.6, p.103-127, 2003b.
- _____. Notícia sobre o comentário de forma e o comentário semântico em um dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Expressão*, Santa Maria, v.8, p.89-93, 2004.

BUGUEÑO, F. Para uma taxonomia de definições, 2007. Inédito.

_____.; FARIAS, V. S. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n.18, p.115-135, 2006.

_____.; _____. Avaliação do programa de informações em dicionários monolíngües de português. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 8., 2007, Brasília. *Anais...* Brasília: UnB, 2007. No prelo.

CAMPOS, H. Transitividad e intransitividad. In: BOSQUE, I., DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. p.1519-1574.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUBOIS, J.; DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971.

FARIAS, V. S. La presentación del comentario semántico en los diccionarios escolares. *Revista de Letras*, Curitiba, v.70, p.183-205, 2006. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras>>. Acesso em: 7 jul. 2007.

_____. Dicionários escolares de língua portuguesa: uma breve análise de aspectos macroestruturais. *Lusorama*, Frankfurt am Main, 2007. No prelo.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. (AuE).

GARRIGA ESCRIBANO, C. Los ejemplos en los diccionarios didácticos del español. In: AYALA CASTRO, M. *Diccionarios y enseñanza*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2001. p.127-149.

GARRIGA ESCRIBANO, C. La microestructura del diccionario: Las informaciones lexicográficas. In: MEDINA GUERRA, A. M. *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003. p.103-126.

GEERAERTS, D. Meaning and definition. In: VAN STERKENBURG, P. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p.83-93.

HAENSCH, G. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HARTMANN, R. R. K. *Teaching and researching lexicography*. London: Longman, 2001.

_____.; JAMES, G. *Dictionary of lexicography*. London: Routledge, 2001.

HAUSMANN, F. J.; WIEGAND, H. E. Component Parts and Structures of General Monolingual Dictionaries: A Survey. In: HAUSMANN, F. J. et al. *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires: Ein internationales Handbuch zur Lexikographie*. Berlin: Walter de Gruyter, 1989. p.328-360.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (HouE).

HUMBLÉ, P. Examples in bilingual dictionaries. In: AILA CONFERENCE, 1996. *AILA Conference Proceedings*. Yyvaskula, 1996. Disponível em: <<http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores>>. Acesso em: 8 set. 2006.

_____. The use of authentic, made-up and controlled examples in foreign language dictionaries. In: EURALEX INTERNATIONAL CONGRESS ON LEXICOGRAPHY, 1998, Liège. *Proceedings...* Liège: Université de Liège, 1998. p. 593-600. Disponível em: <<http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores>>. Acesso em: 8 set. 2006.

JACKSON, H. *Lexicography*. London: Routledge, 2002.

LANDAU, S. *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MARTÍNEZ DE SOUZA, J. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.

MERZAGORA, G. M. *La lessicografia*. Bologna: Zanichelli, 1987.

MICHAELIS: *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2001. (MiE).

MINIDICIONÁRIO contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. (MiCA).

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

SCHIFKO, P. Lexicología y semántica. In: HOLTUS, G.; METZELTIN, M.; SCHMITT, C. *Lexikon der romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer, 1992. p.132-148.

SECO, M. *Estudios de lexicografía española*. Madrid: Paraninfo, 1987.

SEÑAS: *Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Señas).

SWANEPOEL, P. Dictionary typologies: a pragmatic approach. In: VAN STERKENBURG, P. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p.44-69.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

Recebido em setembro de 2007

Aprovado em dezembro de 2007